

PANORAMA **CONJUNTURAL**

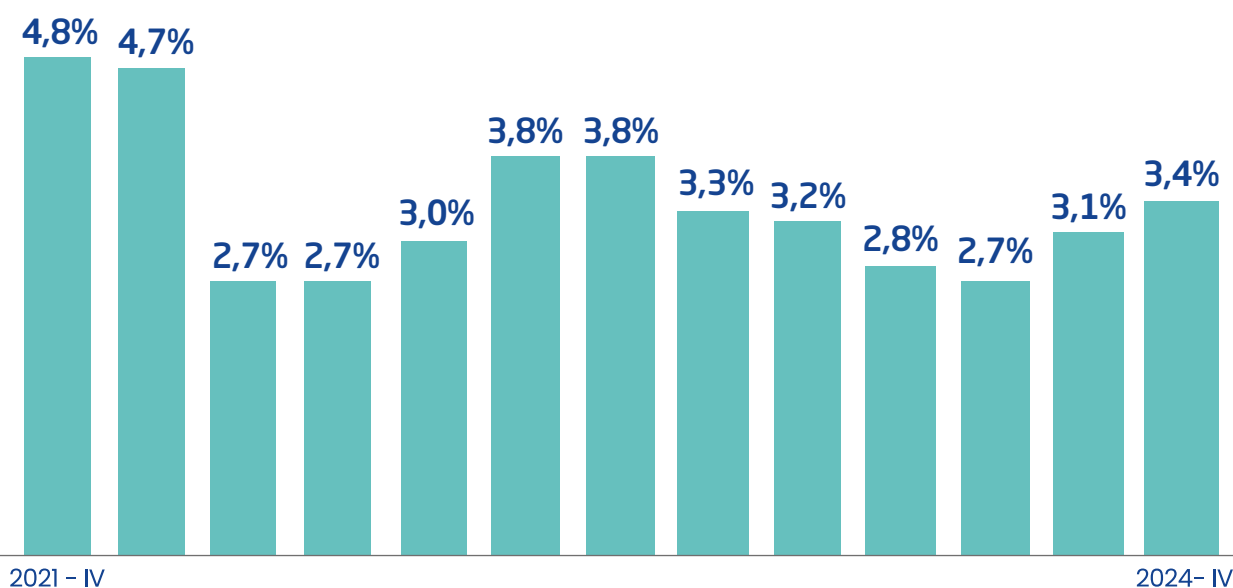
*Dados referentes ao mês
de Fevereiro de 2025*

O PIB do Brasil *EM 2024*

Em 2024, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil registrou crescimento de 3,4%, mantendo uma trajetória de recuperação moderada após os choques decorrentes da pandemia. O desempenho superou os anos anteriores (+3,0% em 2022 e +3,2% em 2023), refletindo principalmente a dinamização da demanda interna, impulsionada pelo avanço dos investimentos (+7,3%) e pelo crescimento expressivo do consumo das famílias (+4,8%). Em contrapartida, o setor externo exerceu contribuição negativa, subtraindo -1,8 ponto percentual do crescimento anual, em razão da retração das exportações e do aumento das importações.

A expansão da absorção interna esteve ancorada em políticas públicas e condições macroeconômicas que favoreceram o consumo e o investimento: valorização real do salário mínimo, ampliação de programas de transferência de renda, melhora no mercado de trabalho e redução da taxa básica de juros no primeiro semestre. Esses fatores ampliaram o crédito e estimularam investimentos privados e públicos, sobretudo em infraestrutura. A reversão da trajetória de queda da formação bruta de capital fixo evidenciou recuperação da confiança dos agentes econômicos.

Gráfico nº 1 - Evolução do PIB e projeções trimestrais.



Principais resultados do PIB a preços de mercado do 4º Trimestre de 2023 ao 4º Trimestre de 2024 (IBGE). Elaboração: Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL – FIEA.

Não obstante, o aquecimento da demanda agregada gerou pressões inflacionárias, agravadas por choques de oferta vinculados a eventos climáticos. Em resposta, o Banco Central retomou o ciclo de aperto monetário a partir de setembro, elevando a taxa Selic de 10,5% para 13,25% ao final de 2024. Essa mudança de orientação monetária provocou efeitos adversos na atividade econômica nos últimos trimestres do ano.

A partir do terceiro trimestre, os sinais de desaceleração tornaram-se nítidos. O PIB cresceu apenas 0,2% no quarto trimestre, enquanto o consumo das famílias recuou 1,0%, seu pior resultado desde o segundo trimestre de 2021. Os investimentos, que haviam crescido de forma robusta ao longo do ano, também perderam fôlego, subindo apenas 0,4% no último trimestre. O setor externo manteve desempenho fraco, com exportações retraídas e a primeira queda nas importações desde 2023.

No lado da oferta, a desaceleração atingiu tanto a indústria quanto os serviços. A indústria total, em especial a de transformação (+3,8%) e a construção (+4,3%), viu seu ritmo de crescimento reduzir, enquanto os serviços praticamente estagnaram no quarto trimestre (+0,1%), com metade de seus segmentos em queda. O enfraquecimento da atividade reflete os efeitos defasados da política monetária restritiva, que afetam principalmente os setores mais sensíveis ao crédito.

Diante disso, embora o resultado agregado de 2024 tenha sido positivo, o desempenho no final do ano acendeu a luz amarela sobre a sustentabilidade da recuperação em 2025. A elevação dos juros, associada à redução do dinamismo do consumo e dos investimentos, compromete a continuidade do crescimento observado.

Essa percepção é reforçada pelos indicadores de confiança no início de 2025. Em março, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) permaneceu abaixo da linha de neutralidade (49,2 pontos), pelo terceiro mês consecutivo, sinalizando falta de confiança no setor industrial.

A estagnação do indicador, com variação marginal de apenas 0,1 ponto, sugere um ambiente de elevada incerteza e contenção das expectativas.

A menos que haja mudanças na orientação da política monetária ou novas medidas de estímulo à demanda, a atividade econômica tende a seguir em ritmo moderado ou próximo da estagnação nos próximos trimestres. A consolidação do cenário dependerá da articulação entre política fiscal, condições externas e resposta das expectativas do setor produtivo.

SELIC sobe para **14,25% a.a**

O BCB, como previsto, manteve sua política contracionista e elevou a taxa Selic para 14,25% ao ano na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM). A expectativa do mercado aponta para mais duas altas, sendo a próxima de 50 pontos-base e a seguinte de 25 pontos-base, encerrando o ciclo em 15% ao ano até o final do ano. A inflação acumulada em 12 meses até fevereiro foi de 5,1%, ante 4,6% em janeiro, afastando-se novamente do centro da meta de 4,5%. A inflação implícita nos papéis prefixados para 252 dias úteis recuou de 7,1% para 5,2%. Para os próximos 12 e 24 meses, o mercado projeta inflação de 5,2% e 4,4%, respectivamente. Ressalte-se que as expectativas foram ajustadas para baixo, o que atenua a pressão por novos aumentos da taxa básica de juros.

O balanço de riscos apresentado pelo COPOM indica um cenário inflacionário mais desafiador, com viés altista. A combinação entre demanda interna aquecida, expectativas desancoradas e choques recentes — como a alta nos preços de alimentos e a depreciação cambial — eleva a probabilidade de inflação acima do projetado no cenário-base. Apesar de sinais iniciais de moderação na atividade econômica, o dinamismo do consumo e a resiliência do mercado de trabalho continuam pressionando os preços, sobretudo no setor de serviços.

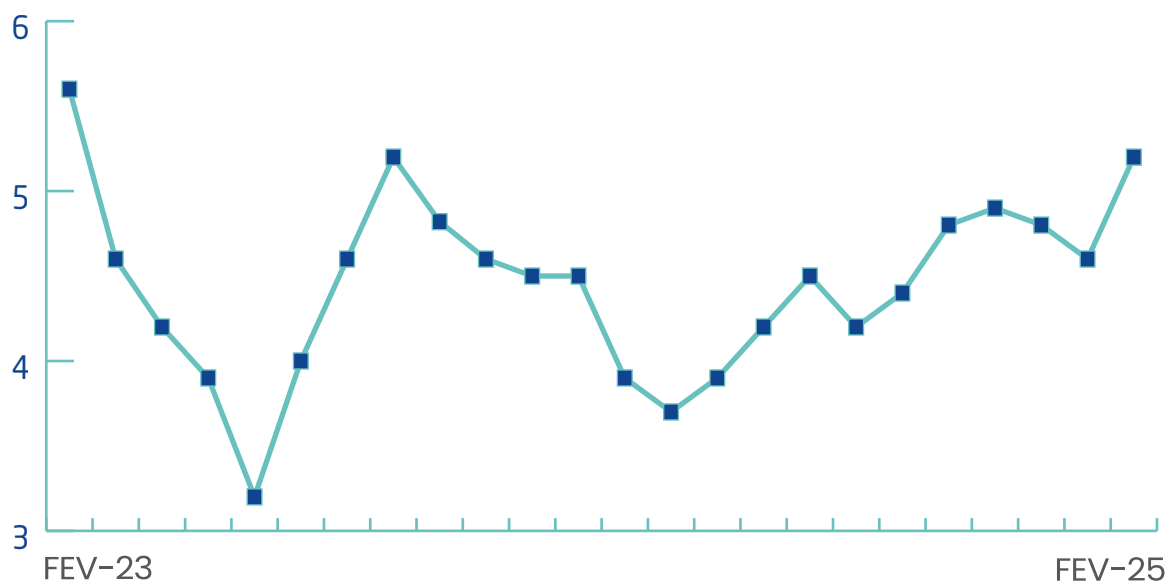
No cenário internacional, o ambiente permanece volátil, com potenciais impactos distintos sobre as economias emergentes. O Comitê segue considerando uma desaceleração gradual da economia dos EUA como referência, mas reconhece a elevação dos riscos de choques adversos. A instabilidade nos mercados, influenciada por decisões de política econômica norte-americanas e por tensões geopolíticas, afeta a taxa de câmbio e intensifica os riscos inflacionários domésticos.

As projeções atualizadas indicam inflação acima da meta em 2025, com convergência apenas no longo prazo. A persistência da inércia inflacionária, especialmente nos serviços, aliada à deterioração das expectativas, exige manutenção de uma política monetária vigilante. O Comitê alerta que esse cenário impõe maior custo à desinflação e limita a margem de manobra para ajustes na taxa de juros.

Apesar da redução de pressões em alguns componentes de preços, os riscos altistas ainda prevalecem. A manutenção do hiato do produto positivo, o elevado comprometimento da renda com dívidas e o crescimento do mercado de capitais exigem prudência. A convergência da inflação dependerá da evolução das expectativas, da coordenação entre instrumentos de política econômica e da correta identificação dos vetores predominantes de pressão sobre os preços.

A manutenção de uma política monetária hawkish, por sua vez, impõe restrições consideráveis ao dinamismo econômico e ao crédito de longo prazo, essenciais para o sucesso do programa Nova Indústria Brasil. Com juros elevados, o custo de capital para investimentos produtivos e tecnológicos aumenta, afetando especialmente pequenas e médias empresas, que dependem de financiamento acessível e estável para inovar e expandir sua capacidade produtiva. Assim, o aperto monetário compromete o potencial de transformação estrutural da indústria nacional, atrasando ganhos em produtividade e competitividade, além de limitar os efeitos esperados de políticas de reindustrialização e transição tecnológica.

Gráfico nº 2 - IPCA: Acumulado de 12 meses.

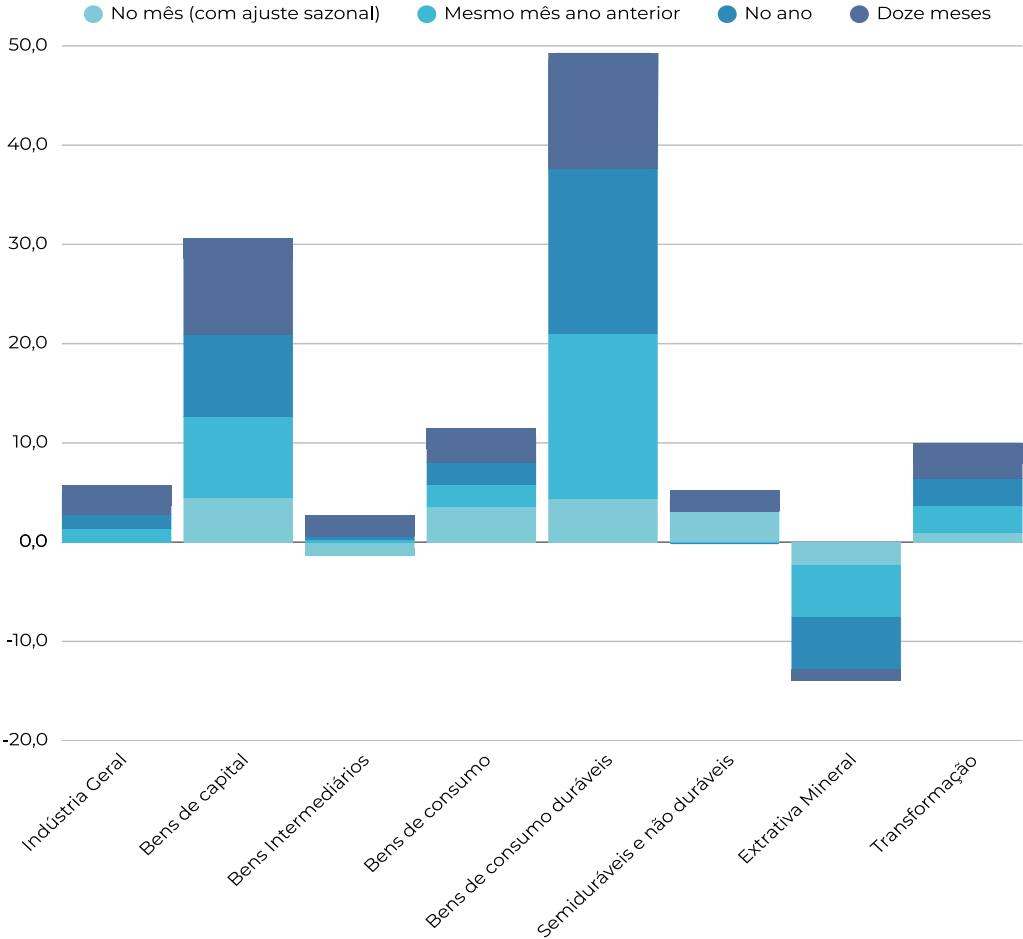


IPCA acumulado nos últimos 12 meses: fev de 2022 a fev de 2025 (IBGE).
Elaboração: Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL – FIEA.

A produção brasileira *em Janeiro de 2025*

Em janeiro de 2025, a indústria brasileira permaneceu estagnada (0%), interrompendo uma sequência de três quedas, resultado condicionado pela retração da indústria extrativa (-2,4%). A indústria de transformação avançou 1,0%, mas ainda se encontrava 1,2% abaixo do nível de setembro de 2024. Dos 25 ramos acompanhados, 72% cresceram, com destaque para couro e calçados (+9,3%), máquinas e equipamentos (+6,9%) e móveis (+6,8%). Entre os macrossetores, bens de capital (+4,5%) e bens de consumo duráveis (+4,4%) recuperaram perdas recentes, enquanto bens intermediários recuaram (-1,4%), afetados por petróleo e celulose. Bens de consumo semi e não duráveis (+3,1%) registraram recuperação parcial, mas ainda operavam 5,1% abaixo de junho de 2024 e -0,1% em relação a janeiro de 2024, sendo o único macrossetor com queda interanual.

Gráfico nº 3 - Produção Industrial e Categorias Econômicas: Jan 2025 (%)



Fonte: IBGE

Gráfico nº 4 - Índices de Preços

Índice de Preço (%)	2024											2025	
	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV
IGP-DI	-0,41	-0,30	0,72	0,87	0,50	0,83	0,12	1,03	1,54	1,18	0,87	0,11	1,00
INCC-DI	-0,13	0,28	0,52	0,86	0,71	0,72	0,70	0,58	0,68	0,40	0,50	0,83	0,40
IGP-M	-0,52	-0,47	0,31	0,89	0,81	0,61	0,29	0,62	1,52	1,30	0,94	0,27	1,06
IPC-M	0,53	0,29	0,32	0,44	0,46	0,30	0,09	0,33	0,42	0,07	0,12	0,14	0,91
IPA-M	-0,90	-0,77	0,29	1,06	0,89	0,68	0,29	0,70	1,94	1,74	1,21	0,24	1,17
INCC-M	0,20	0,24	0,41	0,59	0,93	0,69	0,64	0,61	0,67	0,44	0,51	0,71	0,51
IPC-FIPE	0,46	0,26	0,33	0,09	0,26	0,06	0,18	0,18	0,80	1,17	0,34	0,24	0,51
INPC	0,81	0,19	0,37	0,46	0,25	0,26	-0,14	0,48	0,61	0,33	0,48	0,00	1,48
IPCA	0,83	0,16	0,38	0,46	0,21	0,38	-0,02	0,44	0,56	0,39	0,52	0,16	1,31

Fonte: Ipeadata e Bacen

Gráfico nº 5 - Indicadores de Confiança

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro – Nova York (Fixing) em US\$
DEZ/23	4,18	80,72	2 050,11
JAN/24	4,32	82,49	2 052,73
FEV/24	4,24	83,83	2 053,83
MAR/24	4,63	87,87	2 293,51
ABR/24	4,50	80,33	2 332,27
MAI/24	4,27	85,36	2 326,51
JUN/24	4,34	81,44	2 329,48
JUL/24	3,82	77,02	2 424,01
AGO/24	3,76	72,95	2 580,52
SET/24	4,21	74,14	2 674,35
OUT/24	4,28	72,65	2 699,11
NOV/24	4,53	73,05	2 629,95
DEZ/24	4,56	79,06	0,00
JAN/25	4,56	76,32	0,00
FEV/25	4,25	73,05	0,00

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB) / FED

Meses	Indicadores de Confiança II						
	Taxa de Câmbio Fim de Período RS/US\$ – Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos doze meses	Taxa de Juros Selic (% a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
FEV/24	4,98	9,89	3,45	6,23	4,50	11,15	6,36
MAR/24	5,00	9,85	3,55	6,08	3,93	11,15	6,95
ABR/24	5,17	10,39	3,64	6,51	3,69	10,65	6,71
MAI/24	5,24	10,56	3,63	6,69	3,93	10,40	6,23
JUN/24	5,56	11,18	3,60	7,32	4,23	10,40	5,92
JUL/24	5,66	11,38	3,71	7,40	4,50	10,40	5,65
AGO/24	5,66	11,74	3,87	7,58	4,24	10,40	5,91
SET/24	5,45	12,17	3,95	7,91	4,42	10,40	5,73
OUT/24	5,78	12,67	4,33	7,99	4,76	10,65	5,62
NOV/24	6,05	13,85	4,69	8,75	4,87	11,15	5,99
DEZ/24	6,19	15,39	5,12	9,77	4,83	12,15	6,98
JAN/25	5,83	14,95	5,80	8,65	4,56	12,15	7,26
FEV/25	5,85	15,03	5,50	9,03	5,10	13,15	7,66

Fonte: Banco Central do Brasil

PANORAMA *CONJUNTURAL*

PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS
DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE-PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Juca Sá

COORDENADOR UNIDADE TÉCNICA

Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

GERENTE DE DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO:

*DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL,
INOVAÇÃO E PESQUISA*

GERENTE

Eliana Maria de Oliveira Sá

CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita
Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

ANALISTAS

Morgana Maria Machado Moura
Juliana Ferro Pereira

ESTAGIÁRIOS

Welde Messias Vieira da Silva
Pablo Henrique Costa Franciolly
Fonseca
Ruan Wesley de Barros Silva
Vanielly Clésia Almeida Santos

DESIGNER

Yasmin Nayara de Araújo Costa